

Este número da Espaço Pedagógico é dedicado, na maior parte de seus ensaios, aos 100 anos de Democracia e Educação, do filósofo e pedagogo americano John Dewey (1859-1952). A ideia nasceu do Ciclo de Conferências, atividade criada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo (PPGEdu/UPF), para comemorar, em cada edição, um autor, um tema ou uma obra clássica. Desse modo, o I Ciclo de Conferências, ocorrido durante o segundo semestre de 2016, foi organizado exclusivamente para refletir sobre os 100 anos de Democracia e Educação, sobre o significado conceitual da obra e sua possível atualidade.

O projeto avolumou-se e ganhou forma na medida em que alguns especialistas nacionais e internacionais do pensamento do referido autor aderiram à ideia, dispondo-se a submeter seu ensaio para publicação neste volume. Nesse contexto, cabe destaque, especialmente, para os ensaios de Gert Biesta e Jürgen Oelkers, que, dada a novidade de suas interpretações, certamente irão oxigenar nossas pesquisas educacionais sobre o tema. Convém lembrar, primeiramente, que tanto o ingresso inicial do pensamento pedagógico de Dewey no cenário educacional brasileiro, ocorrido a partir dos anos 1930, quanto as críticas que começaram a se avolumar contra suas ideias, nas décadas posteriores, concentram-se, fundamentalmente, no aspecto político de seu pensamento. Ou seja, foi com este foco eminentemente político que *Democracia e Educação* foi lida e recebida entre nós, sobretudo no âmbito das pesquisas educacionais brasileiras.

O presente número da *Espaço Pedagógico* quer destacar, principalmente com base nos ensaios de Jürgen Oelkers, Gert Biesta e Claudio Dalbosco, o "primado moral" que orienta a posição filosófico-pedagógica adotada por Dewey para pensar o nexo entre democracia e educação. A investigação cuidadosa de tal primado permite ao intérprete compreender melhor a profundidade do diálogo crítico e criativo empreendido pelo pedagogo americano com a tradição da filosofia da educação pas-

sada, especialmente com a moderna tradição alemã da *Bildung*. É devido à forte inspiração no ideal da *Bildung* que Dewey pode pensar de maneira original o nexo entre democracia e educação, sustentando-o no conceito abrangente de cultura. Também, é devido ao seu profundo conhecimento da tradição pedagógica ocidental, incluindo nela tanto a *Paideia* como a *Humanitas*, que ele pode compreender sua teoria da educação nos termos de uma teoria da *instruction*.

Contudo, o seu profundo conhecimento da tradição pedagógica passada - e, nesse sentido, Democracia e Educação é um grande oceano para o qual desaguam muitas das teorias educacionais dos séculos passados - não o torna, de maneira alguma, prisioneiro de tal tradição. Ao contrário, como o professor Jürgen Oelkers mostra serenamente no ensaio que abre este número da Espaço Pedagógico, Dewey critica a tradição pedagógica clássica dos séculos XVIII e XIX, distanciando-se dela em inúmeros aspectos. Por conhecer bem o pensamento de Jean-Jacques Rousseau e o de Johann Friedrich Herbart, Dewey foi capaz de incorporar em seu próprio pensamento ideias pedagógicas importantes desses dois pensadores, superando-as ou elevando-as a outro patamar, mais de acordo com as exigências pedagógicas do século XX. Pode-se dizer, nesse contexto, sem nenhum exagero, que sem a noção rousseauniana de perfectibilité e sem a noção herbartiana de interesse, Dewey não teria formulado, em Democracia e Educação, sua genial ideia da plasticidade da condição humana, nem mesmo teria colocado na base de sua teoria da instrução humana o respeito pelos interesses do aluno, tomando-o como ponto de partida da ação pedagógica com sentido.

Gostaríamos de destacar, ainda, brevemente, que a releitura de *Democracia e Educação* pelo "primado moral", na medida em que permite refletir sobre o "eu moral" como resultado da socialização solidária e cooperativa entre os seres humanos, torna-se uma exigência atual e urgente sob vários aspectos, dentre os quais, cabe enfatizar dois. O primeiro refere-se ao modo como o primado moral pode fazer frente ao individualismo agressivo que toma conta, cada vez mais, das formas contemporâneas de vida. Ao insistir, nessa obra, sobre a importância da formação humana e solidária das novas gerações, Dewey abre uma imensa clareira na selvageria individualista, mostrando que a própria condição humana é capaz de seguir outros rumos, muito além do amor próprio destrutivo e egoísta. O segundo aspecto diz respeito ao modo como formas morais de vida, baseadas em experiências de participação solidária, podem rebater o conservadorismo cego e excludente que invade, assustadoramente, os espaços sociais e institucionais da sociedade contemporânea, moldando novas formas de vida, intolerantes e dogmáticas.

Desse modo, colocar o primado moral no cerne da teoria da instrução de John Dewey possibilita compreender a potencialidade solidária e cooperativa latente à ação pedagógica. Tomar a moral como núcleo do liberalismo social de Dewey permite dar-lhe ainda mais força para vertê-lo contra o atual liberalismo econômico, o qual se agarrando cada vez mais à lucratividade sem fim, despreocupa-se escancaradamente com a dimensão social e comum da vida humana. Só este aspecto já é, por si só, suficiente para mostrar a importância de *Democracia e Educação* e o quanto a atualidade de suas ideias pode nos auxiliar a pensar o momento difícil que vivemos.

Mediante tais pressupostos, apresentamos a composição do presente número, que está constituído por oito artigos pertinentes à temática central, subscritos por autores brasileiros e estrangeiros, pesquisadores reconhecidos em seus campos de investigação e atuação. De Jürgen Oelkers, temos "John Dewey e a refutação do pensamento educacional clássico"; de Gert Biesta, "O déficit democrático de Dewey: Educação e Democracia revisitadas"; de Claudio Almir Dalbosco, o texto "Teoria da instrução como cultivo social do espírito humano: papel formativo do interesse e da disciplina em John Dewey"; de Pedro Angelo Pagni, o artigo "Ética, democracia e educação em John Dewey: uma releitura de Democracia e educação à sombra da ontologia do presente"; de Marcus Vinícius da Cunha e Roberta Aline Sbrana, o texto "A presença de Jean-Jacques Rousseau no discurso educacional de John Dewey"; de Rodrigo Augusto de Souza, temos "A concepção de filosofia da educação no pensamento de John Dewey"; de Tatiane da Silva, "Dewey e os Sofistas: a tirania do lógos e as bases para uma educação retórica". Encerrando a seção temática, temos o artigo intitulado "Experiência e movimento: pensando a educação em Dewey", de Celso Ilgo Henz, Cláudia Aparecida dos Santos e Patrícia Signor.

Na seção de artigos de fluxo contínuo, contamos com três estudos, assinados por seis autores das regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. Dilva Bertoldi Benvenutti, Maria Cristina Pansera de Araújo e Nadiane Feldkercher susbrevem o artigo intitulado "Práticas e vivências de avaliação das aprendizagens dos alunos: refletindo com professoras pedagogas"; de José Camilo dos Santos Filho, temos o texto "Internacionalización de la educación superior: redefiniciones, justificativas y estratégias"; e "Educação e arquitetura na era digital: um estudo sobre a expansão das instituições federais de ensino superior em Barreiras, Bahia" é assinado por Nelson De Luca Pretto e Helena Avanzo.

Há, ainda, a entrevista concedida pela professora Carlota Boto, que compartilha conosco muitas de suas experiências pessoais e trajetórias profissionais em uma proveitosa e agradável conversa. Por fim, temos a resenha subscrita por Marcio Giusti Trevisol, que se debruça sobre o instigante livro de José Aguiar Nobre e Samuel Mendonça, intitulado *Desafios para a educação democrática e pública de qualidade no Brasil*, lançado em 2016.

Desejando uma produtiva leitura, esperamos contar com o apoio de todos para a divulgação dos textos desta edição.

Altair Alberto Fávero (Organizador) Claudio Almir Dalbosco (Organizador) Flávia Eloisa Caimi (Editora-Chefe e Organizadora)